

APROPRIAÇÃO ESTRATÉGICA E IDEOLÓGICA DO FLUXO ASCENDENTE DA MOBILIDADE SOCIAL NA MOTIVAÇÃO PROFISSIONAL: UMA DIMENSÃO DE COOPTAÇÃO DOS TRABALHADORES.

APROPIACIÓN IDEOLÓGICA Y ESTRATÉGICA DE FLUJO ASCENDENTE DE LA MOVILIDAD SOCIAL EN LA MOTIVACIÓN PROFESIONAL: UNA DIMENSIÓN DE LA COOPTACIÓN DE LOS TRABAJADORES.

IDEOLOGICAL AND STRATEGIC APPROPRIATION OF UPWARD FLOW OF SOCIAL MOBILITY IN PROFESSIONAL MOTIVATION: A DIMENSION OF WORKERS COOPTATION.

Rodrigo Moreira Vieira¹

Resumo: Neste trabalho procuramos identificar como a questão da mobilidade social – sobretudo a de carácter intrageracional – tem sido permeada e sobrevalorizada em discursos relacionados à motivação profissional representando a posição política e ideológica que a classe dominante defende. Este ato tem constituído uma estratégia utilizada pelos motivadores profissionais na tentativa de disseminar a ideia de que o trabalho “bem feito”, com “dedicação e entusiasmo” leva, necessariamente, a um suposto sucesso canalizado na ascensão social, além de uma também suposta ascensão moral no sentido de que os indivíduos que alcançam tal posto são tidos como exemplo de postura social. Por fim, tentaremos analisar os limites encontrados no discurso motivacional de ascensão social proposto pela via da mera iniciativa individual, ao mesmo tempo em que analisaremos se é possível provar uma suposta democratização através da mera ascensão em questão.

Palavras-chave: mobilidade social; ideologia; motivação profissional; trabalho.

Resumen: Este estudio trató de determinar cómo el tema de la movilidad social - en especial de carácter intrageracional - ha afectado y la sobrevaloración de los discursos relacionados con la motivación profesional que representa la posición política e ideológica que la clase dominante defende. Este acto ha sido una estrategia utilizada por los motivadores profesionales en un intento de extender la idea de que el trabajo "bien hecho" con "dedicación y entusiasmo" conduce necesariamente a un supuesto éxito canalizados hacia la movilidad social, y también supone un movilidad moral en el sentido de que las personas que llegan a esa posición es tomada como un ejemplo de la actitud social. Finalmente, trata de analizar los límites establecidos en el discurso de motivación para la movilidad social que ofrece a través de la iniciativa mero individualista, mientras que vamos a examinar si es posible demostrar una supuesta democratización a través de la mera movilidad en cuestión.

Palabras-clave: movilidad social; ideología; la motivación profesional; trabajo.

Abstract: This job tries to identify how the question of social mobility - especially the one of intragerational character - has been permeated and overvalued in speeches related to professional motivation representing the ideological and political position that dominant class defends. This fact has been a strategy used by professional motivation leadership in order to disseminate the idea that the job "well done" with "dedication and enthusiasm" necessarily lead to a supposed success channeled into social rise, and also a supposed moral rise in the sense that individuals who reach such a position are taken as an example of social stance. Finally, this job tries to analyze the limits found in the motivational of social rise proposed by mere individual initiative, while examines if is possible to prove an alleged democratization through the mere rise in question.

Keywords: social mobility; ideology; professional motivation; work.

Introdução:

Nos anos que seguiram após a crise capitalista desencadeada, sobretudo, a partir de 1973, vários empresários do setor produtivo precisaram reconsiderar parte de suas estratégias administrativas e produtivas de modo a combater ou amenizar os efeitos causados por tal crise. É neste contexto que várias empresas desencadearam o processo de ocidentalização do modelo Toyotista de produção com o objetivo de absorver algumas das principais estratégias produtivas e administrativas encontrada neste modelo.

No entanto, o novo modelo de administração, para funcionar necessitou cooptar a subjetividade trabalhadora em uma nova dimensão (ALVES, 1999; 2000) em nome de elementos como administração participativa e dos círculos de controle de qualidade, entre outros, além de passar por uma reestruturação de determinados elementos operacionais. Também desencadeou um processo de reestruturação ideológica cujo objetivo foi legitimar as novas estratégias de exploração que vieram à tona com o desenvolvimento do Toyotismo na tentativa de “naturalizá-las” como a (suposta) única via possível nas relações produtivas, quebrar a resistência dos empregados e mascarar os elementos que potencializaram alguns aspectos perversos sobre trabalhadores de diferentes áreas e níveis hierárquicos: o boom de novas tecnologias, a automação da produção, a mudança geográfica de empresas de grande nome para lugares onde houvesse legislações trabalhistas enfraquecidas, fusões e técnicas de aceleração do tempo de giro do capital também passaram a fazer parte do cotidiano de corporações como estratégia de sobrevivência frente às condições gerais de deflação (HARVEY, 2001), além da flexibilização que criou problemas em torno dos direitos trabalhistas e o processo de terceirização na contratação de força de trabalho, entre outros. “Toyotismo implica em flexibilização dos funcionários. Se estes o rejeitam, não pode funcionar” (GOUNET, 1999, p. 55).

É neste cenário que novas estratégias ideológicas, como a motivação profissional, passaram a ganhar vulto em nome dos interesses da classe dominante no projeto de implantação prática e legitimação ideológica das novidades que vieram à tona com a expansão do modelo produtivo em questão. Combater o desânimo dos trabalhadores canalizado em manifestações, greves e boicotes em relação às novas estratégias produtivas, ao mesmo tempo em que se tentou construir uma onda de (falacioso) otimismo em relação a tais novidades tornou-se uma pauta importante da agenda da classe dominante. A quantidade de elementos ideológicos foi e tem sido imensa numa sociedade de capitalismo moderno. No entanto, neste trabalho elencamos especificamente o modo como a motivação profissional se apropria dos processos de ascensão socioeconômica para tentar autenticar seu discurso cooptante na tentativa de legitimar os pressupostos existente nas suas afirmações. A seguir veremos como funciona esta estratégia.

O pragmatismo enviesado em nome do conservadorismo

O discurso da motivação profissional é constantemente permeado pelos seguintes pressupostos:

Além da formação e treinamento é preciso também investir na motivação, sem a qual qualquer programa de qualidade e produtividade estará fadado ao fracasso (GRETZ, 1996, p. 79).

Para ser vitorioso na competição acirrada dos tempos atuais, só mesmo sendo forte. Não a força material e o tamanho, necessariamente, mas sim a força do trabalho bem feito (GRETZ, 1996, p. 31).

Tais afirmações disseminam a crença de que uma série de problemas de caráter social pode – e deve, segundo tal perspectiva – ser solucionada a partir da ascensão social que a ação individual “otimista” e “empreendedora” supostamente traz ao indivíduo disposto a adotar tal postura. A classe dominante, com o intuito de legitimar e ganhar credibilidade e apresentar a sua tese como a “verdade” e, desse modo, conquistar certa credibilidade social acerca daquilo que ela defende, tenta construir e/ou apresentar uma lógica aparentemente coerente de acordo com os pressupostos do pensamento na qual ela se apoia. Para tentar se sustentar, ela utiliza-se, como estratégia, de exemplos concretos, mas que constituem exceções, para fins ideológicos generalizantes e, como no caso está a serviço da classe dominante, funciona como mecanismo ideológico conservador:

É claro que as ideologias dominantes da ordem social estabelecida desfrutam de uma importante posição privilegiada em relação a todas as variedades de “contraconsciência”. Assumindo uma atitude positiva para com os mecanismos auto-reprodutivos fundamentais da sociedade, podem contar, em suas confrontações ideológicas, como apoio das principais instituições econômicas, culturais e políticas do sistema todo. Ao mesmo tempo, visto que se identificam “interiormente”, digamos assim, com os processos contínuos de reprodução socioeconômica e político-ideológica, podem estipular a “praticabilidade” como pré-requisito absoluto para a avaliação da seriedade ou da inadmissibilidade categórica da crítica, bem como da legitimidade da mudança social. Assim, não é acidental que as ideologias dominantes insistam nas insuperáveis virtudes do “pragmatismo” e da “engenharia social gradual”, rejeitando (no mais das vezes, pela simples rotulação de rótulo exorcizante) todas as formas de “síntese total” ou de “holismo” – isto é -, nas palavras autoconfiantes de uma das figuras representativas, qualquer concepção da ordem social “radicalmente diferente daquela estabelecida (MÉSZÁROS, 2004, p.233)

Exemplos práticos, que posteriormente serão ilustrados neste trabalho através do caso do camelô David, analisados fora da concreticidade, são sobrevalorizados em sociedades modernas pautadas no forte raciocínio pragmático arrolados na materialidade de fatos e/ou pseudo coerência. Casos como este, se não forem analisados a partir do contexto amplo onde se efetiva, nos leva a uma superficialidade enganosa. A visão meramente imediatista ao invés de nos aproximar da essência, dela nos afasta. Por isso devem ser analisadas a partir da sua relação dialética com o concreto:

O todo não é imediatamente cognoscível para o homem, embora lhe seja dado imediatamente em forma sensorial, isto é, na representação, na opinião e na experiência. Portanto, o todo é imediatamente acessível ao homem, mas é um todo caótico e obscuro. Para que possa conhecer e compreender este todo, possa torná-lo claro e explicá-lo, o homem tem que fazer um detour: o concreto se torna compreensível através da mediação do abstrato, o todo através da mediação da parte. Exatamente porque o caminho da verdade é um detour – der Weg der Wahrheit ist Unweg – o homem pode perder-se ou ficar no meio da caminho” (KOSIK, 1975, p. 36).

A totalidade concreta quando mistificada através de meras categorias abstratas como “proatividade, “empreendedorismo”, “entusiasmo” acaba fazendo com que os trabalhadores encarem as supostas verdades que permeiam o tal “mercado de trabalho”- que em última instância são reflexos das condições materiais que privilegia a classe dominante - como algo natural. Interpretados através da imediaticidade são descontextualizados e compreendidos de maneira leviana. Além disso, ter acesso à

noção instrumental e à “práxis utilitária imediata e o senso comum a ela correspondente colocam o homem em condições de orientar-se no mundo, de familiarizar-se com as coisas e manejá-las, mas não proporcionam a compreensão das coisas e da realidade” (KOSIK, 1975, p. 14).

Para entendermos o que tem sido afirmado até aqui, recorrer-se-á a dois conceitos que se complementam nas relações de domínio: a subestimação e a superestimação. Ambos são elementos constantemente utilizados como estratégias políticas e ideológicas. A diferença no caso da classe dominante é que o seu controle sobre os meios de produção do conhecimento, dos meios de comunicação e outros elementos de reprodução social contribui para o processo de homogeneização das perspectivas que legitimam os privilégios desta. Deste modo, os pressupostos do conhecimento estão altamente permeados por interesses políticos e ideológicos. Para tanto, munidos do controle sobre os meios de comunicação e dos centros de controle e formação dos pressupostos do pensamento e do conhecimento, busca inculcar e disseminar tais ideias sobre a classe trabalhadora. Desse modo, a classe dominante tenta estabelecer os limites e as regras da ação social de modo a homogeneizar suas perspectivas privilegiando e mantendo seus interesses, ao mesmo tempo em que demoniza qualquer ação que se dê fora das regras e dos limites estabelecidos por tal classe. Agora transportaremos estes dois conceitos para o terreno social.

A classe dominante se apropria da superestimação na seguinte situação: qualquer elemento que possa ser utilizado estrategicamente para defender os seus interesses tem a importância superestimada por esta. O processo de superestimação daquilo que pode ser utilizado para legitimar seus interesses é conquistado através do domínio dos elementos mencionados logo acima.

Tudo aquilo que pode ser utilizado para sustentar o raciocínio que ampara os interesses da classe dominante ganha contornos cintilantes e é sobrevalorizado. Em contrapartida, qualquer fato comprovável, seja em termos de práxis, seja em termos lógicos e científicos, que contrarie os interesses e a posição da classe dominante, são subestimados por esta através das estratégias mencionadas anteriormente.

Para comprovarmos esta tese, adentraremos sobre a ideia de mobilidade social. A partir daí mostraremos um exemplo de superestimação para elucidarmos o modo como o que tem sido dito até aqui se dá na prática.

O conceito de mobilidade social foi criado para ajudar a compreender o processo de ascensão e decesso dos indivíduos em determinadas posições sociais separadas de acordo com preceitos econômicos cujo nível de renda é o centro da classificação.

De modo mais específico, aqui abordaremos a mobilidade social em termos econômicos corriqueiramente e superficialmente rotulados como classe A, B, C, D e E. De um lado temos o fluxo ascendente onde um indivíduo passa a ganhar um salário que o eleva a um estrato econômico superior. Do outro lado temos o processo contrário onde o indivíduo, por algum motivo, tem seu poder de compra reduzido e acaba descendo a um estrato econômico inferior. Em ambos os fluxos, temos dois métodos centrais de comparação: o intrageracional e o intergeracional. O primeiro baseia-se na comparação do status inicial e final do próprio indivíduo ao longo da sua carreira. O segundo baseia-se na comparação de status ocupacionais dos indivíduos com o de seus pais.

Contudo, é necessário deixar claro a seguinte situação: embora a ideia de mobilidade social se concentre nos processos de ascendência e queda econômica, o seu grande fluxo se concentra em determinada faixa da pirâmide econômica da sociedade. Isso porque os ocupantes da grande base onde se concentra a maior parte da população mundial constituída por pobres e miseráveis, em geral, permanecem na base. Não passam por um fluxo ascendente de maneira significativa. Por isso, podemos dizer que ela é uma camada de caráter relativamente estático. Os mais pobres dificilmente saem desta posição.

Por outro lado, os pertencentes ao pico da pirâmide, uma grande minoria constituídos de milionários e bilionários, dificilmente descendem na hierarquia socioeconômica. Permanecem sempre no pico. Por isso, também compreendem uma camada estática da pirâmide em questão.

Desse modo temos duas camadas praticamente estáticas: uma constituída de pobres e outra constituída por indivíduos muito ricos. Esta situação comprova o seguinte: o fluxo da mobilidade social se concentra em uma zona específica e muito limitada da pirâmide em questão.

Essa zona onde se concentra a maioria do fluxo da mobilidade social pode ser entendida, também, como zona de amortecimento de conflitos (DAHRENDORF, 1982).

Esta zona recebe este nome porque é utilizada ideologicamente pelos liberais e pela classe dominante na tentativa de ocultar e/ou reduzir o conflito entre classes. De que maneira? Usando exemplos de pessoas que ascenderam economicamente para disseminar a ideia de que vivemos em uma suposta democracia que oferece oportunidades iguais a todos. As ascensões, mesmo que limitadas, são utilizadas para amortecer os ânimos e conter a revolta ou a crítica ao conflito e amortecer os impactos da contradição e dos aspectos negativos e excludentes do nosso sistema econômico e social. Dentre os principais porta-vozes desta ideia encontram-se os motivadores profissionais: novos intelectuais orgânicos – apropriando-se da categoria teórica de Gramsci (2001) – a serviço da classe dominante.

No entanto, quanto a isso temos dois problemas: 1) a zona onde acontece o grosso da mobilidade social é pequena e restrita; é onde se concentram apenas camadas médias da hierarquia econômico-social; 2) salvo raríssimas exceções, ninguém da base da pirâmide tem a possibilidade de ascender ao topo e ninguém que está no topo descende até a base, ou seja, a mobilidade, além de concentrada em camadas específicas, é muito limitada e não pode de maneira nenhuma ser generalizada em todas as zonas da pirâmide socioeconômica. Isso acontece por que, mesmo em casos de ascensão, a estrutura socioeconômica capitalista é essencialmente desigual e sua existência implica, necessariamente, na manutenção e reprodução dessa desigualdade.

Entretanto, as camadas da classe dominante subestimam os limites e restrições acerca da mobilidade social e superestimam os fluxos ascendentes com o objetivo de utilizar desta zona para ocultar o conflito social maior que envolve o ápice e a base da pirâmide. Os casos de ascensão são louvados com base numa perspectiva individualista. Desse modo, a posição daqueles que estão na base da pirâmide é justificada por uma suposta incompetência individual e que, caso o sujeito quisesse e dispusesse de boa vontade e iniciativa, isso em si, já seria o suficiente para sair desta condição como se a desigualdade fosse justificável apenas por existirem aqueles que têm vontade e iniciativa e aqueles que não têm. O limiar entre estar ou não em condições de pobreza, segundo esta perspectiva, é ter ou não uma postura pró-ativa:

O que caracteriza um lutador vitorioso ou um time campeão? A garra, a vontade firme e poderosa. Enfim, a força, a coragem, a bravura, o brio e a determinação. Achar que isso é difícil que jamais conseguirá chegar lá. Essa acomodação existe em empresas e indivíduos. Que não chegam a lugar nenhum (GRETZ, 1996, p. 43).

É neste ponto que a ideologia dominante se apropria de casos práticos – embora representem uma pequena e restrita minoria – de pessoas que ascenderam socioeconomicamente para argumentar e tentar legitimar suas ideias. Se os defensores dessa ideologia fizessem a defesa do pressuposto de que vivemos em um contexto democrático, mas não apresentassem exemplos que pudessem ser apropriados para a construção de um argumento pragmático e, aparentemente amparado por uma pseudo racionalidade, de modo a tentar criar exemplos práticos para seu raciocínio – mesmo que tais exemplos concretos representem exceções –, tal argumentação ficaria vulnerável.

Mas ao encontrar algo concreto onde podem se endossar, se apoiam firmemente e superestimam tal caso na defesa da perspectiva que privilegie seus interesses. É a estratégia da curvatura da vara onde esta é entortada para o lado oposto da sua curvatura na tentativa de tentar ocultar esse desvio.

É neste sentido que a concretude, a superestimação e a mobilidade social fazem parte de referências e estratégias ideológicas utilizadas pela classe dominante que se beneficia da desigualdade existente e, por conta disso, buscam amortecer os conflitos sociais.

Um exemplo pode nos ajudar a compreender esta questão. Tal caso sobrevalorizado é o do David, o camêlo. O resumo de sua história é contada através de uma reportagem feita por Mariana Oliveira:

David Portes é autor de livro citado por teóricos do marketing, dono de um patrimônio considerável que inclui um carro estimado em mais de R\$ 200 mil, ganhador de prêmios como Bizz Awards e Top of Business, ambos concedidos a iniciativas de sucesso nos negócios. A maioria das pessoas indicaria esta biografia como de um empresário de sucesso, mas ninguém imaginaria que ele começou como camêlo, hoje é citado por Philip Kotler e dá dicas de marketing em palestras pelo Brasil (OLIVEIRA, 2006).

Logo em seguida Mariana continua:

A movimentada Avenida Presidente Wilson, no centro do Rio de Janeiro, é o local escolhido para vender diversos tipos de guloseimas. A ideia nasceu quando David precisava comprar remédios para sua esposa. Os dois passavam por dificuldades e os 12 reais emprestados que ele conseguiu foram multiplicados quando investiu o dinheiro em doces, convertendo-os em medicamento, pagamento da dívida e capital para iniciar o novo empreendimento. Menos de um ano depois, a “Banca do David” já contava com mais de 240 itens. Alavancado pela trajetória de sucesso, David explica que há seis anos, quando teve os primeiros contatos com a mídia, foi convidado por representantes do grupo Votorantin para dar uma palestra em São Paulo. Desde então tem sido requisitado pelas mais diversas empresas para contar sua história de vida e revelar alguns segredos que o elevaram à categoria de marqueteiro (OLIVEIRA, 2006).

A figura de David é apropriada como exemplo concreto do conteúdo defendido no discurso motivacional. A ascensão do camêlo na hierarquia socioeconômica que se tornou empresário é superestimada enquanto os casos de indivíduos que tiveram suas condições de vida pioradas são desdenhados e reduzidos a incompetentes.

O exemplo de David, assim como outros casos isolados, não só é utilizado pelos disseminadores da ideologia motivacional como foi apropriado e, em parceria com o SEBRAE, se tornou uma marca, uma mercadoria, como era de se esperar de um contexto onde a motivação se tornou um grande negócio²:

Em parceria com o SEBRAE ele já estuda a possibilidade de transformar seu nome em marca. A franquia da Banca do David será uma rede lojas de doces voltadas para o público de shoppings e quiosques e certamente carregará consigo as características de carisma e simpatia de seu idealizador (OLIVEIRA, 2006).

A notoriedade dada ao caso do David reflete a sobrevalorização dada ao fluxo ascendente da zona de mobilidade social; a sua vida é utilizada e é apropriada como exemplo de postura; faz parte de casos que contribuem para o amortecimento dos conflitos. A história de vida deste empresário, a sua iniciativa em buscar uma maneira de obter dinheiro para comprar remédio para sua esposa não são de modo nenhum condenáveis. Pelo contrário. A questão degradante é o modo como ela é utilizada para ocultar as raízes de um problema econômico e social. O caso de David é utilizado para defender uma estrutura social que, em última instância, se pauta numa lógica perversa.

Os casos de ascensão profissional não surgem como resultado da melhora das condições de trabalho e por uma suposta democratização. Isto é uma conclusão extremamente superficial. As ascensões que aconteceram (e acontecem) se deram por uma necessidade operacional das empresas que passaram a adotar um modelo produtivo/administrativo que necessita de um número maior de cargos intermediários e de organização e controle dos empregados. No entanto, no momento em que tais cargos passaram a se generalizar, os salários foram nivelados por baixo, afinal, com o processo de ampliação de escolarização, o número de pessoas que, em tese, estão preparadas para ocupar tais cargos aumentaram. Este processo aumentou a força de trabalho disponível para exercer tais funções. A conhecida lei da oferta e da procura se vez valer: o preço pago em salário a tais empregados diminuiu com o aumento da oferta de mão de obra disponível. Além disso, com a ampliação da quantidade de cursos de Administração, por exemplo, o número de empregados formados em tal curso se tornou tão grande que muitas empresas se dão ao luxo de contratar indivíduos com formação superior em tal área para ocuparem cargos de auxiliar administrativo. Desse modo, a ideia de “democratização” oculta o processo de nivelamento por baixo pelos quais muitos empregados passaram a sofrer. Houve um processo de precarização das condições de trabalho de empregados com formação de ensino superior. Isto contribui para o fluxo descendente da mobilidade social; no entanto, tal processo é estrategicamente subestimado pela ideologia dominante. O capital não funciona para “gerar oportunidades”, mas para extrair tudo o que for preciso e da maneira que for preciso para o processo de acumulação.

Desconstruindo a ideia e a superestimação da ascensão

O Brasil nos 70 primeiros anos do século XX, que apesar de ser apenas um caso específico, ilustra uma tendência pela quais a maioria dos países da América Latina e alguns dos países “em desenvolvimento” passaram neste mesmo período:

Nem sempre as distâncias percorridas foram grandes. Ao contrário, a grande maioria subiu um ou dois degraus na escala social. Mas, em função de o status social dos pais ser muito baixo, qualquer movimento dos filhos representou uma promoção social. Esse foi o caso do filho do lavrador que, quando adulto, passou a ajudante geral numa indústria recém-instalada montadora de automóveis. O mesmo pode ser dito em relação ao auxiliar de escritório cujo pai era oleiro; ou do bancário cujo pai era garimpeiro; ou do mecânico filho de ferreiro (PASTORE; HALLER, 1993, pp. 29 e 30).

Não existe mudança social significativa sem que haja declínio acentuado da desigualdade social. Essa ascensão social experimentada no Brasil não modificou a estrutura da pirâmide social com uma enorme base e com um ápice reduzido. Pelo contrário:

O estudo baseado nos dados de 1973 revelou um fato aparentemente paradoxal. O Brasil exibiu ao longo do século XX muita ascensão social e muita desigualdade. Na verdade, os dados mostraram uma ampliação simultânea da mobilidade social ascendente e da desigualdade. Comparado com dez outros países, o Brasil teve as mais altas taxas de ascensão social e, ao mesmo tempo, foi o campeão mundial de desigualdade social (PASTORE; HALLER, 1993, p. 31).

Embora, segundo Pastore e Haller (1993) a classe média tenha “engordado” a distância existente entre o topo e a base da pirâmide social aumentou de modo extraordinário.

No entanto os otimistas estratégicos – como os líderes motivacionais - enfatizam e superestimam esta ascensão, ao mesmo tempo em que subestimam o aumento da desigualdade social. Esta é uma posição político-ideológica: achar que a democracia é demonstrável a partir da ascensão de casos isolados e ignorar o aumento da desigualdade social. Pode haver democratização com o aumento da desigualdade? Acredito que não.

A partir do ano de 1973 – ano no qual o germe do que hoje entendemos como estratégias motivacionais passa a ocupar função ideológica -, a taxa descendente intergeracional começou a cair significativamente. Se em 1973 a taxa era de 11,3%, em 1988, essa taxa passou a ser de 27,3%. No caso da taxa intrageracional, destaca-se a queda de 54,2% em 1973 para 27,3% em 1988. Estes dados contribuem para desconstruir a falácia do otimismo encontrado na motivação profissional que, não sem motivo, é desenvolvida e potencializada de maneira significativa a partir de meados da década de 80. A ascensão tão proclamada pelos motivadores que, segundo estes, é alcançável através do trabalho não representa uma afirmação verdadeira. Lembrando que os que ascendem representam uma camada bem balizada e localizada numa zona muito limitada. Não há mudanças na hierarquia social com base numa pirâmide extremamente afuniladora. No entanto, é interessante para a classe dominante sobrevalorizar a questão da possibilidade de ascensão social em detrimento de uma mudança social de caráter estrutural profundo. A manutenção da hierarquia social é interessante para esta, ao mesmo tempo em que contribui para disseminar a ideologia de uma suposta democracia.

Se alguns dos países pobres que conseguiram um avanço tecnológico e industrial passaram por este trajeto e possuem tais características, os países altamente industrializados são caracterizados por um processo de mobilidade social circular (GRUSKY; HAUSER, 1984). Como o desenvolvimento destes países já chegou ao seu limite relativo, não existe mais essa ascensão significativa como no grupo dos países mencionados anteriormente. Neste caso, as variáveis individuais são preponderantes nos fluxos

ascendentes e descendentes, que, segundo Grusky e Hauser (1984), a educação profissional é o principal elemento que estabelece esse movimento circular. Neste caso, para uma pessoa ascender, a outra precisa descender.

Além disso, a atual crise econômica e social pela qual passam vários países da Europa, tem desencadeado o aumento da desigualdade social entre tais, como é o caso da França. Os franceses que representam a faixa de renda mais alta no país estão cada vez mais ricos. No outro extremo da pirâmide social, a desigualdade cresce entre as famílias de imigrantes.. As conclusões fazem parte de um relatório⁴ divulgado no dia 7 de Janeiro de 2010 pelo INSEE (Instituto de Pesquisas e Estatísticas Econômicas da França). Mesmo num país que em 2007, segundo o índice de desenvolvimento humano feito pela ONU, ocupava o 13º lugar dentre os países com alto índice educacional⁵, sofre com as crises capitalistas e coloca em xeque o modo teleológico como os líderes e motivadores profissionais encaram a questão da mobilidade social. Mesmo em países ricos e com alto índice de desenvolvimento humano, a cada nova crise, a população mais pobre é rechaçada da riqueza produzida coletivamente. Deste modo, notamos como a ascensão que permeia a mobilidade social está subsumida às condições econômicas capitalistas. Os trabalhadores podem até ascender em termos relativos em épocas de otimismo econômico, mas na primeira crise que se segue, o declínio socioeconômico destes amortece a queda da rentabilidade das empresas. Isto tem ocorrido na atual crise econômica, assim como ocorreu na crise da década de 70 com a grande perda de direitos sociais que foi desencadeada pela onda neoliberal e com o avanço da exploração de força de trabalho através de técnicas de administração e produção toyotistas que prezavam a chamada lean production (RUAS; ANTUNES; ROESE, 1993).

Desse modo, o discurso motivacional de superestimação da ascensão se mostra contraditório tanto em contextos de países subdesenvolvidos como nos países desenvolvidos. As ascensões representam meros reflexos das nuances econômicas, portanto, a rigor, não representam uma tendência que ilustra o fim da desigualdade e do avanço democrático.

Estes fatos contribuem para desconstruir a égide levantada em torno da ideia de que a ascensão nas chamadas camadas socioeconômicas são elementos confiáveis na defesa da tese de que isso, por si só, comprova uma suposta democratização social e das relações de trabalho.

Considerações finais

Exemplos como o de David, a rigor, não servem como argumento para sustentar a tese de que a atitude empreendedora e entusiástica por si só pode estabelecer uma suposta democratização por meio de uma suposta ascensão generalizada através da mera falácia que permeia a ideia individualista da pró-atividade, afinal, a descendência e decadência na mobilidade social são condicionados e limitados pela conjuntura sócioeconômica que vive da desigualdade. Isso vale para o contrário: não se pode explicar a queda na mobilidade social dos indivíduos através da mera argumentação da tal falta da postura pró-ativa com “paixão e amor” (GRETZ, 1996; FILHO, sem data) como a emanada no receituário motivacional. Isso se deve a simples razão: o sistema econômico e as relações produtivas dominantes e a respectiva

sociabilidade são de caráter piramidal e excludente. O capitalismo só se sustenta com uma grande base de explorados e um pequeno ápice de exploradores.

Desse modo, o atual sistema econômico e social não se mantém com todos tendo condições e oportunidades iguais. Este caráter faz com que seja previsível que poucos alcancem sucesso, promoção e reconhecimento na sua respectiva área profissional. Não é possível que todo trabalhador venha a ser gerente. Não é possível que todo gerente venha a ser diretor, como mostra o caso da Petrobrás em que existem 354 gerentes para cada cargo de direção. Apesar de ser um caso extremo, isso não muda nada. A média do Brasil é de 40 gerentes para cada vaga de diretoria (DINIZ, 2006, p.22).

Além disso, a pressão intensa exercida sobre as vítimas das ideologias ocultada através de categorias abstratas como “mercado de trabalho”, em muitos casos causa desânimo em uma grande quantidade de jovens. Muitos conduzem suas vidas num processo de formação profissional constante, desgastante e se capacitam de acordo com os preceitos disseminados, entre outros meios, pelas diretrizes encontradas na motivação profissional e animados pela “ascensão social” enaltecida pelo discurso motivacional. No entanto, muitos deles não alcançam seus objetivos por meio dessa capacitação. Afinal, temos uma quantidade significativa de jovens sendo formada em cursos superiores. Um número de jovens impossível de ser empregado exatamente na área de suas respectivas formações. Muitos acabam atuando em outras áreas e se frustram, pois foram traídos pela promessa de que há espaço para todos. “A sociedade das capacitações talvez precise apenas de uma quantidade relativamente pequena dos educados de talento, especialmente nos setores de ponta das altas finanças, de tecnologia avançada e dos serviços sofisticado” (SENNETT, 2008, pp. 83 e 84). O setor produtivo e também o de prestação de serviço, gradualmente funcionam de maneira eficiente ao mesmo tempo em que precisam de uma elite profissional cada vez menor. O processo de enxugamento vai diminuindo ou extinguindo determinados cargos. Portanto, a máxima de que todos têm oportunidades é uma falácia; a ascensão aqui mencionada é sustentada através de exceções numa zona da mobilidade social muito limitada cujo fluxo acompanha as oscilações da economia capitalista que volta e meia entra em recessão. O que temos então é uma posição ideológica que superestima os fluxos ascendentes e subestima os fluxos descendentes e o caráter desigual do modus operandi do contexto social e econômico em que vivemos em nome do interesse pela manutenção do status quo desempenhado pela classe dominante que, para se manter, precisa alimentar pseudo-soluções dentro das regras e pressupostos arquitetados por esta de modo a conservar o seu privilégio e o contexto o possibilita. As lacunas da insustentabilidade é que sustentam tal discurso, afinal:

A sistematicidade e a coerência ideológicas nascem de uma determinação muito precisa: o discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas, anular a diferença entre o pensar, o dizer e o ser e, destarte, engendrar uma lógica da identificação que unifique pensamento, linguagem e realidade para, através dessa lógica, obter identificação de todos os sujeitos sociais com uma imagem particular universalizada, isto é, a imagem de classe dominante. Universalizando o particular pelo apagamento das diferenças e contradições, a ideologia ganha coerência e força porque é um discurso lacunar que não pode ser preenchido. Em outras palavras, a coerência ideológica não é obtida malgrado as lacunas, mas, pelo contrário, graças a elas. Porque jamais poderá dizer tudo até o fim, a ideologia é aquele discurso no qual os termos ausentes garantem a suposta veracidade daquilo que está explicitamente afirmado (CHAUI, 2000, pp. 3 e 4).

Analisar as manifestações ideológicas modernas, como a sobrevalorização do fluxo ascendente da mobilidade social, serve para compreender melhor a realidade concreta em que elas se assentam, afinal, sem investigar os fenômenos não é possível chegar a essência, mas, por outro lado, não se pode analisar os fenômenos sem contextualizá-los na essência. É este movimento de *détour*, como menciona Karel Kosik (1975), que possibilita aos homens chegar à essência e as suas determinações. Do contrário, ficaremos reféns de raciocínios superficiais que, ao invés de ajudar compreender as raízes dos problemas, delas nos afasta.

Um exame mais rigoroso aponta, portanto, que os pressupostos utilizados para fomentar a ideia de democracia por meio da ascensão social não podem ser generalizados e tomados como base para sustentar a tese da igualdade de oportunidades e de condições; não enquanto vivermos neste contexto perverso e excludente. Problemas sociais devem ser pensados, analisados e solucionados sob a ótica social e não pela ótica individualista e pseudo concreta.

Referências

- ALVES, G. *Trabalho e mundialização do capital: a nova degradação do trabalho na era da globalização*. Práxis: Londrina, 1999.
- _____. *O novo (e precário) mundo do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2000.
- DINIZ, D. A vida dura dos gerentes. *Revista Você S. A*, São Paulo, n. 97, Editora Abril, julho de 2006.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 2 v.
- GRETZ, J. R. *É óbvio! Qualidade real ao alcance de todos*. Florianópolis: Florianópolis, 1996.
- GRUSKY, D; HAUSER, R. Comparative social mobility in 16 countries. *American Sociological Review*, 19-34, 1989.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2001.
- MARINS FILHO, L. A. *Entusiasmo e paixão*. Vídeo palestra. São Paulo: Produtora Commit, s/d.
- MÉSZÁROS, I. *O poder da ideologia*. São Paulo: Ensaio, 1996.
- OLIVEIRA, M. *O marketing intuitivo do camelo que virou empresário*. 2006. Disponível em: <<http://www.mundodomarketing.com.br/8,199,o-marketing-intuitivo-do-camelo-que-virou-empresario.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2011.
- PASTORE, J; HALLER, A. O que está acontecendo com a mobilidade social no Brasil. In: PASTORE, J; HALLER, A. *Pobreza e mobilidade social*. São Paulo: Nobel, 1993.
- RUAS, R; ANTUNES, J. ROESE, M. Avanços e impasses do modelo japonês no Brasil: observação de casos empíricos. In: HIRATA, H. (org). *Sobre o modelo japonês*. São Paulo: Editora Edusp, 1993.
- SENNETT, R. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Notas:

¹ Mestre pelo programa de pós-graduação em Ciências Sociais pela Unesp - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - campus de Marília. Email: moreiraemail@gmail.com

² Para ter-se ideia da proporção alcançada pela indústria de normas de pensamento e conduta e o comércio da disciplina de trabalhadores desencadeado pela motivação profissional, pode ser mencionado o seguinte dado: somente nos EUA, o mercado

de motivação, que inclui palestras, seminários, livros e DVDs, movimenta hoje cerca de *10 bilhões* de dólares (Revista Exame - 28/06/07). No Brasil, profissionais de diferentes áreas também iniciam esta prática em um mercado em grande crescimento.

³ Fonte: PNAD 1988.

⁴ Disponível em: < <http://www.insee.fr/fr/>>. Acessado em 16/11/2011.

⁵ HUMAN DEVELOPMENT REPORT 2011: Human development statistical annex. United Nations Development Programme. Disponível em: <http://hdr.undp.org/en/media/HDR_2011_EN_Tables.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2011.

Recebido em: 10/2011

Publicado em: 05/2012.